



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE DANÇA

ELIVANIA SANTOS

MESTRE ZEZINHO DO CACUMBI DE LARANJEIRAS/SE: Reavivando a história

ARACAJU/SE
2026

ELIVANIA SANTOS

MESTRE ZEZINHO DO CACUMBI DE LARANJEIRAS/SE: Reavivando a história

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
Dança da Universidade Federal de Sergipe
sob orientação da Profa. Dra. Bianca
Bazzo Rodrigues.

ARACAJU/SE
2026

RESUMO

O trabalho versa sobre uma pesquisa que busca reavivar a história e memória do Mestre Zezinho do Cacumbi de Laranjeiras/SE. O objetivo do trabalho é averiguar o porquê da ausência da figura do Mestre Zezinho e quais foram as razões que levaram ao seu esquecimento na cultura da cidade e do estado. Atualmente faz-se menção apenas ao Cacumbi de Mestre Deca tanto em pesquisas acadêmicas, jornalísticas e ações político-culturais. Neste sentido, a fim de procurar respostas para as perguntas, foram realizadas buscas no Google Acadêmico, na Biblioteca Central da UFS, na Biblioteca Pública Epiphânio Dória, além de pesquisas de campo na cidade de Laranjeiras a partir de entrevistas com pessoas que conheceram Mestre Zezinho, tornando-se o material essencial para a documentação e análise do trabalho. A pesquisa é de extrema relevância para cultura de Sergipe e principalmente para o povo laranjeirense, que irá conhecer a história de um mestre que tanto contribuiu com a cultura popular de nossa cidade.

Palavras-chave: Mestre Zezinho; Cacumbi; Laranjeiras; Memória; Cultura.

ABSTRACT

This work is based on research that seeks to revive the history and memory of Master Zezinho of Cacumbi from Laranjeiras/SE. The objective of the work was to investigate the reasons for the absence of Master Zezinho's figure and what led to his being forgotten in the culture of the city and the state. Currently, only the Cacumbi of Master Deca is mentioned in academic and journalistic research, as well as in political-cultural actions. In this sense, in order to find answers to the questions, searches were carried out in Google Scholar, in the Central Library of UFS, in the Epiphany Dória Public Library, in addition to field research in the city of Laranjeiras through interviews with people who knew Master Zezinho, becoming the essential material for the documentation and analysis of the work. The research is extremely relevant to the culture of Sergipe and especially to the people of Laranjeiras, who will learn about the history of a master who contributed so much to the popular culture of our city.

Keywords: Master Zezinho; Cacumbi; Laranjeiras; Memory; Culture.

SUMÁRIO

RESUMO.....	3
ABSTRACT.....	4
1. INTRODUÇÃO	6
2. PONTO DE PARTIDA.....	9
3. CACUMBI	12
4. DECUPAGEM DOS MATERIAIS.....	14
5. ENTREVISTAS	16
CONCLUSÃO	26
REFERÊNCIAS.....	28
ANEXO I.....	29
Encontros Culturais de Laranjeiras.....	29
ANEXO II.....	33

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho descreve o levantamento da história do Mestre Zezinho do Cacumbi em Laranjeiras/SE. O objetivo geral foi averiguar o porquê da ausência da figura do Mestre Zezinho como representante e mestre de Cacumbi na cidade e no estado, além do seu total esquecimento na história como figura cultural. Buscou-se, assim, reescrever a sua história e suas contribuições para cultura popular sergipana.

O Cacumbi é um folgado de raiz africana e que estaria ligado às manifestações populares brasileiras marcadamente negras de coroações de reis e rainhas africanos (as), juntamente com os cortejos nas ruas. De acordo com informações históricas, possui mais de cem anos de existência no Brasil, com várias denominações entre elas: Quicumbi, Tacumbi ou Ticumbi, prestando sempre homenagem a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Em nosso estado é chamado de Cacumbi e é encontrado nas cidades de Riachuelo, Japaratuba e Laranjeiras, porém não se sabe ao certo a sua origem.

A cidade de Laranjeiras, por sua vez, está localizada no vale do Rio Cotinguiba, palavra de origem indígena que significa “local de terra branca, areal, mastro de vela” ou ainda “saboeira”, a aproximadamente vinte quilômetros da capital sergipana e situada entre seis morros e sete igrejas católicas. Estas igrejas são referências para as Festas de Santos Reis, sendo conhecidas como museu a céu aberto.

A cidade é também conhecida nacionalmente por sua diversidade de grupos folclóricos como a Taieira, a Chegança, o São Gonçalo da Mussuca, o Reisado, o Samba de Pareia dentre outros. No mês de janeiro, estes grupos espalham muita alegria, mostrando sua cultura e tradição pelas ruas da cidade. Este encontro de cultura e folguedos é denominado “Encontro Cultural de Laranjeiras” que, em 2026, está na sua quinquagésima primeira edição, apresentando sua riqueza cultural. O Encontro Cultural de Laranjeiras teve origem na década de 1970 com um Simpósio Temático que reunia pesquisadores e folcloristas de todo o Brasil e se agregou às festividades associadas ao Dia de Reis.

O Encontro Cultural de Laranjeiras ocorre na primeira semana de janeiro, acabando por se juntar a outra celebração cultural que também acontece na cidade no Dia de Reis: a apresentação dos grupos de Cacumbi, Chegança e Taieira na Igreja de São Benedito, seguido da coroação da rainha da Taieira. Estes grupos folclóricos se encontram na Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus e se dirigem em procissão

até a Igreja São Benedito, localizada na Rua Direita como obrigação religiosa e para prestarem homenagem à São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

Nessas festividades e cortejos pelas ruas da cidade, pude presenciar na década de 1970, o Cacumbi comandado por Mestre Zezinho que sempre reunia os brincantes em frente à sua residência na Rua da Palha. Após a morte de José Rosa dos Santos, o Mestre Zezinho, no dia 27 de março de 1978, o Cacumbi deixou de se apresentar nas festas de Reis por um determinado tempo, pois os seus filhos não deram continuidade ao trabalho do seu pai. Depois de alguns anos, Mestre Deca inicia o seu próprio grupo de Cacumbi, o que acabou por se sobressair ao primeiro, criando uma maior visibilidade e divulgação de sua memória na cidade e estado. E, seguindo por vários anos como mestre do único grupo de Cacumbi da cidade¹, este fato pode ter levado a um certo esquecimento do seu antecessor.

Desta forma, surgiu a inquietação: por que se fala tanto do Mestre Deca e se esquece de seu antecessor? Por que não se fala mais do Mestre Zezinho e da sua contribuição na cultura popular de Laranjeiras? Depois da sua morte, quem teria ficado responsável em continuar com seu legado?

Para isso, a metodologia do trabalho partiu para a revisão bibliográfica sobre o Cacumbi, especificamente no estado, a fim de averiguar as produções e documentações sobre o tema, visitas à Biblioteca Pública Epiphânio Dória, em Aracaju, Biblioteca Central da UFS, em São Cristóvão, e Secretaria de Cultura de Laranjeiras, à procura de materiais e matérias jornalísticas que falassem do Cacumbi e também dos Encontros Culturais de Laranjeiras.

Além da pesquisa bibliográfica e documental, foram realizadas pesquisas de campo na cidade de Laranjeiras e entrevistas com pessoas que participaram e presenciaram o Cacumbi de Mestre Zezinho pelas ruas da cidade, além da própria vivência da pesquisadora. Segundo Gil (1999), a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizadas nas pesquisas sociais. Esta técnica de coleta de dados é bastante adequada para obtenção de informações acerca das vivências e saberes de pessoas que de alguma forma tiveram contato com as discussões que a pesquisa levanta.

Os dados obtidos durante as entrevistas foram transcritos e analisados por meio da proposta de Bardin (2011), que tem por objetivo enriquecer a leitura e

¹ Há também nos últimos anos o Cacumbi Mirim.

ultrapassar as incertezas, extraíndo conteúdos por trás da mensagem analisada, permitindo assim a identificação de categorias, no caso em particular, das temáticas ligadas a preservação da cultura do Cacumbi.

Os resultados da investigação revelaram a existência do Cacumbi de Mestre Zezinho, que ainda se mantém viva nas memórias de poucos moradores da cidade, apesar do total apagamento de sua história por estudiosos e agentes políticos e culturais da cidade e do estado. Descrever as memórias aqui encontradas também é um ato de rememorar e reviver a herança do Cacumbi de Mestre Zezinho como valor cultural para o estado.

2. PONTO DE PARTIDA

O presente trabalho foi pensado há muito tempo devido a um fato que sempre me deixava inquieta: fala-se sempre do Cacumbi de Laranjeiras/SE de Mestre Deca, mas a história de Mestre Zezinho, antecessor de Mestre Deca, foi simplesmente esquecida.

Atualmente há uma política de valorização das manifestações populares no município. Uma das conquistas é o pagamento de um salário, fornecido pela Secretaria de Estado da Cultura, para mestres e mestras de grupos folclóricos sergipanos². Escuta-se muito os nomes de mestres de outras manifestações, assim como também dos que já não estão mais nesse plano. Mas de Mestre Zezinho, cujo nome sempre escutei e vi na minha infância, hoje não há nenhuma menção. O que me deixava inquieta: o porquê há uma valorização de um mestre do Cacumbi na cidade enquanto o outro mestre foi totalmente apagado em Laranjeiras e no estado de Sergipe?

Sou nascida e criada na cidade de Laranjeiras, localizada na Grande Aracaju, distante da capital a 19km. Desde pequena conheci o Cacumbi de Mestre Zezinho, para mim, um dos folguedos mais coloridos e animados da cidade. O Cacumbi encanta a cidade e os turistas com suas danças e cantorias quando passa pelas ruas de Laranjeiras nas apresentações dos Encontros Culturais que acontecem no município até os dias de hoje.

Como nasci e me criei em Laranjeiras, as manifestações folclóricas sempre fizeram e fazem parte da minha vida até a presente data. Atualmente, mesmo residindo na cidade de Nossa Senhora do Socorro/SE, ainda participo na abertura dos festejos juninos no grupo Batalhão Unidos de Laranjeiras de João Pinheiro que atualmente recebeu o título de mestre. Este grupo é formado pela comunidade da Rua da Vitória em Laranjeiras, onde nos reunimos para chegada do mês de junho. Além disso, faço parte do Micareme (desfile de blocos que ocorre anualmente no mês de junho) no bloco Flores de Outrora, também do Mestre João Pinheiro.

² O município de Laranjeiras criou em 2011 uma lei municipal que previa um valor mensal para os mestres da Cultura Popular, conquista pioneira no estado. Em 2022, foi aprovada pela Assembleia Legislativa de Sergipe a Lei dos Mestres, regulamentada e que estabelece o valor de dois salários mínimos mensais para os mestres e mestras de todo o estado.

Tais festejos juninos começam no final da noite do dia trinta e um de maio e terminam no início da manhã do dia primeiro de junho. São vários grupos de Batalhão que saem pelas ruas da cidade dançando e cantando para comemorar o início dos festejos dedicados aos santos: Santo Antônio, São João e São Pedro. O povo da cidade sai acompanhado o cortejo pelas ruas e calçadas até chegar ao Centro de Tradições, local de eventos artísticos e culturais, onde todos os grupos do Batalhão juntos comemoram a época festiva que acaba de começar.

Estes grupos folclóricos de Laranjeiras estão sempre nas minhas memórias já que, desde a minha infância, passando pela minha adolescência e atualmente na vida adulta, estou participando ativamente dos folguedos. Além disso, conheci e convivi com vários mestres de Laranjeiras que estavam à frente dos vários grupos folclóricos, dentre eles: Seu Oscar, Mestre da Chegança (*in memoriam*), Dona Lourdes da Taieira (*in memoriam*), Dona Lalinha do Reisado da Rua da Vitória (*in memoriam*) entre outros.

Lembro-me muito bem, quando eu tinha meus 9 anos, do Cacumbi de Laranjeiras e muito mais da figura do Mestre Zezinho no comando deste folguedo que encantava a cidade e encanta até hoje. Recordo como se fosse hoje: Mestre Zezinho reunia os brincantes na Rua da Palha em frente à sua residência para comemorar os festejos do dia de Santos Reis.

Dentre os seus componentes estavam Seu Deca (*in memoriam*), Seu Macário (*in memoriam*), Seu Dão (*in memoriam*), além dos seus filhos conhecidos como Zé Rosa, Chico Pão (*in memoriam*), o caçulinha Geninho e o Carlinhos, neto do Mestre Zezinho. Estes dois meninos, ainda crianças, ficavam à frente do folguedo, ambos tocando suas caixas, um dos instrumentos utilizados no Cacumbi.

Estes cortejos saíam da Rua da Palha em direção à Igreja São Benedito localizada na Rua Direita para homenagear a festa dos Santos Reis, com várias pessoas seguindo os brincantes. Lembro que, na minha infância na década de 1970, quando dançava o Reisado de Dona Lalinha (Mestra do Reisado em Laranjeiras), participava ativamente dos Encontros Culturais da minha cidade e sempre acompanhei o Mestre Zezinho conduzindo o grupo do Cacumbi de Laranjeiras.

Diante dessa memória ainda viva em mim, sempre me questionei o porquê do total apagamento da figura de Mestre Zezinho do Cacumbi de Laranjeiras e quais eram as razões para isso acontecer. Dessa inquietação, partiu a motivação para

realizar esta pesquisa como forma de documentar e reavivar a memória do Mestre Zezinho.

3. CACUMBI

O Cacumbi de Mestre Zezinho se organizava em dois cordões (filas), formados exclusivamente por homens vestidos de calças brancas e camisas amarelas e azuis. Usavam chapéus de palha adornados com fitas de cetim coloridas. Cada cordão com sua cor respectiva, e o Mestre Zezinho vestia camisa vermelha. Os integrantes carregavam instrumentos e iam tocando e respondendo o coro performando com suas dinâmicas de movimento específicas e em cortejo pelas ruas da cidade. O ritmo era acelerado e marcado pela cadência dos instrumentos: reco-recos, ganzás, pandeiros, onça e caixas. O mestre ficava no meio dos cordões e com o apito seguia no comando da brincadeira.

O Cacumbi está espalhado em diversas regiões brasileiras como o Sul, o Sudeste e o Nordeste, com aspectos semelhantes ao Cacumbi da cidade de Laranjeiras/SE, porém mais focado na coroação de reis e rainhas. No Cacumbi de Mestre Zezinho não havia essas figuras e essa características. Hoje, no Cacumbi de Mestre Deca também não há. Dantas (2022) em entrevista a Mestre Deca em 1985, descreve as falas do Mestre, e o mesmo diz que no Cacumbi de João do Pita havia essas figuras, mas que não há no dele, pois para fazer daria muito trabalho. Mas ainda hoje em Japarutuba, o Cacumbi da cidade tem a presença do rei e da rainha e na festa dos Santos Reis há a coroação dos mesmos.

Para Silva (2013), o Cacumbi esteve sempre ligado ao catolicismo popular negro, podendo ser encontrado em diferentes estados brasileiros. Cada local com sua maneira de brincar, mas se assemelhando nos cantos, nas vestimentas, na utilização de elementos e etc. Sendo a coroação do rei e da rainha como uma matriz da manifestação e ligada também as procissões de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. O Cacumbi estaria ligado também às Congadas (Alencar, 2003), de herança marcadamente africana, podendo ser reconhecido pelo cortejo, a presença do rei e da rainha e as cenas de combate.

Recordo muito bem quando o Cacumbi saía em cortejo pela Rua da Palha até chegar à igreja de São Benedito localizada na Rua Direita. O Mestre Zezinho, líder do grupo, ia na frente com o apito conduzindo alegremente o cortejo. A cidade toda acompanhava o cortejo e por respeito ao templo religioso, quando eles chegavam em frente à igreja, paravam de cantar. Após acompanhar a Missa, em conjunto com os demais grupos folclóricos que também conduziam esse cortejo: o Reisado, a Taieira,

a Chegança³, e os brincantes do Cacumbi reuniam-se novamente em celebração. Atualmente o Reisado não acompanha essa obrigação religiosa no Dia de Reis.

Não me recordo de existir nenhuma mulher no Cacumbi. O grupo era formado somente por homens. No final da missa, havia a coroação da Rainha da Taieira⁴, acompanhado atentamente por todos os grupos no interior da Igreja de São Benedito. No final da tarde, durante a apresentação do grupo da Chegança, havia um combate para o rapto da Rainha da Chegança. Porém, diferentemente dos grupos acima citados, não existiam combates na apresentação do Cacumbi: apenas músicas e brincadeiras ritmadas entre os integrantes.

³ A Chegança, também conhecida como “Chegança dos Marujos”, “Marujada”, “Chegança dos Mouros”, “Barca” e “Fandango” em diferentes regiões do país, é um folguedo popular que narra episódios de batalhas, conquistas e de devoção religiosa dos marinheiros e a batalha entre mouros e cristãos. A manifestação tem forte presença no Nordeste, especialmente em Sergipe, nos municípios de Laranjeiras, Lagarto e São Cristóvão. As apresentações misturam elementos da religiosidade popular com tradições náuticas, envolvendo personagens como Capitão, Contramestre, marinheiros e figuras mitológicas, todos com trajes coloridos e acessórios marítimos. As encenações ocorrem especialmente no período natalino e em festas como as de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário no estado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br>. Acesso em: 21/01/2026.

⁴ A Taieira é um grupo folclórico de cunho religioso que desfila durante a procissão no Dia de Reis, louvando os santos padroeiros negros São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Durante a procissão, elas cantam, dançam e tocam instrumentos de percussão. O movimento ainda resiste de forma bastante expressiva em alguns municípios sergipanos, como Laranjeiras e São Cristóvão. O de Laranjeiras hoje é comandado por Bárbara Cristina dos Santos, neta de dona Bilina. Desde 2013, a Taieira de Laranjeiras é reconhecida como Patrimônio Imaterial Sergipano. Disponível em <https://www.aracaju.se.gov.br>. Acesso em: 21/01/2026).

4. DECUPAGEM DOS MATERIAIS

Para o levantamento bibliográfico sobre o Cacumbi, mais especificamente o Cacumbi de Laranjeiras, foi realizado um levantamento no Google Acadêmico sobre as produções que faziam menção ao tema. Todos os artigos encontrados fazem referência ao Cacumbi de Mestre Deca. Além desse levantamento, foram realizadas consultas na Biblioteca Pública Epiphânio Dória, em Aracaju, na Biblioteca Central da UFS em São Cristóvão, e na Secretaria de Cultura de Laranjeiras. Os livros das pesquisadoras sergipanas Aglaé Alencar e Beatriz Góes Dantas são os representativos e clássicos para os estudos das manifestações populares sergipanas. E somado ao tema do Cacumbi, a monografia de Irineu Fontes Júnior (2014) se junta como peça importante para a questão levantada na pesquisa. Porém, destaca-se que, nestas produções é feita apenas a menção a Mestre Zezinho advindo do relato de Mestre Deca quando entrevistado por esses pesquisadores. Mesmo assim, é possível encontrar algumas contradições nos relatos.

Dantas (2022) documenta que no início de 1970, havia um Cacumbi liderado por João do Pita que saía em cortejo em louvor a São Benedito. Já na segunda metade da década de 1970, a autora descreve que registros “fazem alusão a Otacílio e a José de Rosa da Silva (Zezinho)⁵ como líderes do Cacumbi de Laranjeiras”. E a mesma lança a pergunta: “Tratava-se do mesmo grupo ou de grupos diferentes?” (Dantas, 2022, p. 58). Estes registros seriam provenientes do autor José Valfran de Brito (1985).

Tivemos acesso a essa bibliografia de Brito (1985), na Biblioteca Pública Epiphânio Dória, único exemplar e de acervo não circulante. No entanto, em leitura realizada, não há menção de João de Pita e nem de Mestre Zezinho. Há relatos de Mestre Deca em entrevista concedida ao pesquisador, como o mesmo é referenciado como Sr. Deca, possivelmente por ainda não ser reconhecido como Mestre. É interessante pontuar que nessa entrevista Mestre Deca diz existir outros grupos de Cacumbi em Riachuelo e Japaratuba, mas como dito, não menciona o nome de outros mestres de Cacumbi.

⁵ O nome de Mestre Zezinho é José Rosa dos Santos, conforme comprovado no documento de óbito do qual pude ter acesso pela filha do mestre e que se encontra em anexo.

Dantas (2022) segue descrevendo que volta a documentar o Cacumbi já na década de 1980, e encontra apenas em Laranjeiras o Cacumbi agora guiado por Mestre Deca. Em entrevista realizada pela pesquisadora, Mestre Deca afirma ter brincado no Cacumbi de João do Pita.

Em relação a João do Pita, não foi possível encontrar fontes que fazem alusão ao mesmo. Porém, na rede social Instagram do Cacumbi de Mestre Deca, é citado o Mestre João de Pita (Mestre Zezinho), conhecido como Zezinho Carreiro. Ou seja, o grupo está relacionando João de Pita como Mestre Zezinho. O que contradiz um dos relatos aqui transcritos durante as entrevistas, em que João de Pita, na verdade, era um mestre de Cacumbi da cidade de Riachuelo.

E sobre Mestre Zezinho ser conhecido como Zezinho Carreiro é confirmado também em outro relato durante as entrevistas. Já Alencar (2002) cita apenas Mestre Deca, Zé Macário, tocador de ganzá, e Asperino Santos, tocador de reco-reco.

Por sua vez, no trabalho de Fontes (2014), dedicado exclusivamente ao Cacumbi de Mestre Deca, há uma passagem de outra entrevista realizada pelo pesquisador com Mestre Deca. O mestre afirmou que:

Participo do Cacumbi desde pequeno. Eu brincava com os falcões, com os chefes. O meu mestre e amigo Zezinho morreu, fiquei né, pra não deixar cair [...] O Mestre antigo era o Zé de Pita[...]. Mas eles não ensinava a ninguém, o Mestre é minha cabeça mesmo (Mestre Deca 1985 apud Fontes, 2014, p.18).

Diante do relato é possível confirmar que Mestre Deca brincava no Cacumbi de Mestre Zezinho. Sobre Otacílio, citado por Dantas (2022), não foi encontrada nenhuma referência a ele, tanto em pesquisas, nas falas dos entrevistados e do conhecimento da própria pesquisadora.

5. ENTREVISTAS

Na perspectiva de encontrar as respostas para o problema do trabalho de pesquisa, saí em busca dos questionamentos que ainda não estavam respondidos.

Fui à minha cidade natal Laranjeiras, em setembro de 2025, à procura de respostas e de tentar solucionar o problema da pesquisa em companhia da minha irmã, moradora da cidade. Nossa primeira parada foi na Casa de Cultura da cidade, à procura de informações, porém não me ajudou muito. Havia vários manequins vestidos com os figurinos dos diversos grupos folclóricos, inclusive o do Cacumbi, como também tinham diversos cartazes na parede da Sala de Cultura, com todas as versões e temas dos Encontros Culturais de Laranjeiras (Anexo I). Tal fato me deixou encantada quando vi aqueles cartazes tão cheios de história da cultura popular da minha terra.

Solicitei a moça que trabalha no local que me mostrasse os cartazes que estavam expostos. Justifiquei que considerava tais cartazes como uma relíquia, sendo arquivos importantíssimos para a minha pesquisa. Assim, perguntei a ela se havia a possibilidade de disponibilizar os cartazes de outra maneira, por meio de mídia digital ou até mesmo impressos, além daqueles que já estavam expostos.

A funcionária responsável me informou que isto não seria possível, já que aqueles cartazes expostos são os únicos existentes no local, não podendo ser disponibilizados a outras pessoas. Porém, ela me relatou que a professora Luiza Ribeiro, filha do Seu Oscar (mestre da Chegança de Laranjeiras - *in memoriam*) e que mora perto da Casa de Cultura, talvez pudesse ter estes materiais com maior facilidade.

Assim, fomos à casa da professora Luiza que fica localizada na Rua Direita, local estratégico para o percurso dos cortejos dos grupos folclóricos para chegar à Igreja de São Benedito, assistir à missa e, por fim, ocorrer a coroação de Rainha da Taieira, como também a apresentação dos grupos folclóricos dentro da igreja.

A professora de pedagogia Luiza Ribeiro é nascida e criada em Laranjeiras, e como citada anteriormente, é filha do mestre da Chegança, Seu Oscar. A professora estava acomodada em uma cadeira de balanço. Após nos apresentarmos, falei a ela sobre a minha inquietude sobre as constantes divulgações do Cacumbi de Mestre Deca. Expliquei que minha finalidade, logicamente, não é desmerecer seu trabalho, já que o Mestre Deca deu continuidade ao trabalho do seu grande precursor, o Mestre

Zezinho. Tivemos uma conversa informal, conversando sobre a cultura popular de Laranjeiras e seus atravessamentos.

Ao decorrer da conversa, chegamos ao assunto dos diversos grupos folclóricos que temos em nossa cidade, inclusive falando sobre a riqueza cultural imensa existente na cidade de Laranjeiras, citando a Chegança do pai da professora Luiza, seu Oscar. Assim, finalmente questionei sobre o seu Zezinho, do Cacumbi da Rua da Palha. Surpresa, a professora Luiza respondeu: “Não, menina, eu nunca vi falar do Cacumbi do Seu Zezinho, somente do Mestre Deca”. Ao perguntar porque houve este esquecimento, a professora Luiza retrucou-me: “Menina, não sei lhe responder”.

A conversa se prolongou sobre várias personalidades da Cultura Popular de Laranjeiras, como seu pai, seu Oscar, Dona Lalinha, Dona Nadir, entre outros, além da abertura do Campus da Universidade Federal de Sergipe em Laranjeiras, a escolha dos cursos e alguns fatos interessantes que aconteceram na cidade com a chegada da UFS em Laranjeiras.

Perguntei a ela, mais uma vez: “Conte-me: mesmo com seu pai no comando da Chegança, a senhora em nenhum momento ouviu falar da pessoa do seu Zezinho?”. Mais uma vez, a professora Luiza foi enfática: “Não menina. Não tem nenhuma relação. É por isso que disse a você, que eu não passei por dentro dos momentos que não me lembre né. Eu me lembro bem do início do Encontro Cultural. E até porque tem alguns livros que retratam isso”.

Continua a professora Luiza: “Escrevi um livro sobre todos os cartazes dos Encontros Culturais. Desde a década de 1970 eu colecionava tudo. Na época, os cartazes eram feitos de grafite, eu cursava pedagogia e escrevi esse livro. Foram seis exemplares, mas não lembro mais onde está e a quem eu dei de presente”. Mesmo sem os cartazes, agradei as informações valiosas dadas pela Sra. Luiza e continuei percorrendo a cidade em busca de respostas.

Caminhando pela Rua Direita passei em frente à Igreja São Benedito, seguindo direto para a Rua da Palha, para ir ao encontro de onde tudo começou: a Rua Desembargador Edésio Libério Monteiro, também conhecida como Rua da Palha, que marca o início das manifestações folclóricas na cidade de Laranjeiras na década de 1970, em plena ditadura militar. Ali, naquela rua estreita, Seu Zezinho começou com seu grupo folclórico de Cacumbi.

Seguimos pela Rua da Palha a fim de conversar com os vizinhos da residência do mestre Zezinho de maneira informal. Chegando na metade da rua, reconheci a

casa, infelizmente um pouco abandonada pelo tempo. Mesmo assim, estava lá, no mesmo lugar que assistia os ensaios ainda pequena. Comecei a me aproximar da casa e as lembranças logo vieram à minha mente: as cantigas, o barulho das batidas dos tambores e das caixas que os meninos tocavam, os pandeiros, a alegria dos brincantes... tudo isso aflorou no meu corpo.

Chegando em frente à casa de Mestre Zezinho fiquei um tempo parada, fazendo memória de tudo que já vivenciei, deixando minhas lembranças fluírem. Em um dado momento, minha irmã me despertou para a realidade: “Não tem ninguém aí não, a casa está fechada, o morador desta casa é o filho de Seu Zezinho, Zé Rosa um dos filhos mais velhos dele e também ex-brincante”. Porém, como Zé Rosa não estava em casa, decidimos vir outro dia.

Passei um tempo olhando para a casa de seu Zezinho envolta com minhas lembranças. Minha irmã, mais uma vez, tirou-me do devaneio: “Vamos embora, Uga (apelido da infância pelo qual sou conhecida até hoje entre meus irmãos), tire logo a foto da casa (Figura 1) e vamos ali na casa de Beba, uma antiga moradora da rua da Palha que mora em frente à casa de Seu Zezinho”.



Figura 1. Casa do Mestre Zezinho, na Rua da Palha, em Laranjeiras. Ao lado, terreno onde havia o galpão onde o grupo ensaiava (Fonte: Arquivo pessoal, 2026).

Após meus devaneios, chegamos na casa de Dona Beba. Ela estava sentada em uma cadeira, conversando com a filha. Assim, pedi licença, apresentei-me e perguntei se podíamos conversar um pouco sobre Seu Zezinho. Ela aceitou e pediu para nós entrarmos. Assim que entrei, perguntei se ela conheceu Seu Zezinho e como

era a sua relação com ele. Ela me respondeu: “Sim. Éramos vizinhos. Todos aqui na rua conheciam Seu Zezinho, morava ali naquela casa, era uma casa grande tinha muito espaço. Hoje está aí, como você está vendo, caindo aos pedaços... Os filhos acabaram com tudo”. Perguntei a ela: “E quem mora aí agora, dona Beba?”. Em seguida, ela me respondeu: “O filho dele, o mais velho, endoidou de vez. Foi embora pro Betume (povoado de Neópolis/SE), judiou da mulher, virou evangélico e hoje fica dando trabalho a gente. Fica gritando pela rua com uma mala preta na mão, uma desgraça, mas hoje ele não está em casa. Ele saiu logo cedo, deve estar na rua vagando”.

Continuei a conversa: “Então, se a senhora morou sempre aqui, a senhora presenciou os ensaios do Cacumbi do Seu Zezinho?”. Dona Beba me respondeu: “Sim, menina. Foi ele que criou o Cacumbi aqui na rua, já tem muito tempo em Laranjeiras. Eles ensaiavam ao lado da casa dele, ali tinha um galpão grande, era uma cantoria só, muito bonito... Aí, quando ele morreu, o Cacumbi acabou. Os filhos não deram continuidade, Genivaldo andou querendo continuar. Este daí nunca quis”, falou a Dona Beba, se referindo ao outro filho de seu Zezinho, Zé Rosa.

Ela continua: “ele ficou doido que não dá sossego aqui”. Questionei se havia alguma forma de entrar em contato com ele, ao que a Dona Beba me falou: “Não, não dá, não. Minha filha é que acerta ele”. Questionei ainda sobre o filho mais novo de seu Zezinho, o Genivaldo, também conhecido como Geninho. Perguntei onde ele mora agora, ao que Dona Beba me respondeu: “O Geninho mora lá na Gameleira. O irmão colocou ele pra fora de casa. E aí o filho de Geninho levou ele para a Gameleira (povoado de Laranjeiras), está morando lá agora, é muito longe daqui”.

A filha de Dona Beba entrevistou algumas vezes, informando que Zezinho Carreiro começou o Cacumbi e, depois que ele morreu, o mestre Deca assumiu o comando do Cacumbi. De pronto, perguntei à filha de Dona Beba quem era Zezinho Carreiro, ao que ela me respondeu que era o Mestre Zezinho, também conhecido como Zezinho Carreiro porque trabalhava no Pinheiro⁶.

⁶ A Usina São José do Pinheiro, conhecida popularmente como “Usina Pinheiro” ou apenas “Pinheiro”, auto intitula-se como a “usina mais antiga de Sergipe” e está situada no município de Laranjeiras. De acordo com o site da usina, a empresa está em funcionamento desde 1928 e é especializada “na comercialização e fabricação de açúcar, álcool, melaço e geração de energia para todo o Nordeste Brasileiro e alguns países europeus e africanos”. Além disso, a empresa afirma possuir uma boa relação com a comunidade laranjeirense, empregando diversos moradores da cidade. Disponível em: <https://usjp.ind.br>. Acesso em 20/12/2025.

Carreiro, na década de 1970, era o profissional responsável nas usinas de açúcar pela condução dos carros de bois que levavam as canas colhidas para beneficiamento. A filha de Dona Beba nos informou ainda que havia um galpão, de propriedade do Mestre Zezinho, onde eram guardados os materiais do Cacumbi. Assim que o Mestre Zezinho morreu, os filhos venderam o espaço. Perguntei às senhoras onde aconteciam os ensaios, e elas me responderam que era ao lado da casa do mestre Zezinho, onde havia este espaço em que ele construiu um galpão destinado à guarda dos materiais e à realização dos ensaios.

Depois de adquirir mais informações valiosas com outras moradoras da cidade, sai da casa de Dona Beba muito contente. Em seguida, fomos à casa de outra moradora que podia me ajudar, pois nasceu e se criou nesta rua. Marisa, conhecida como Marizão, é uma colega de muitos anos, jogávamos futebol de campo juntas durante muito tempo na década de 1980.

Chegando em sua casa na Rua da Palha, ela me recebeu com muita alegria. Expliquei a ela que estava cursando licenciatura em Dança na UFS e estava elaborando meu trabalho de conclusão de curso, cujo tema era o Cacumbi de Laranjeiras - não o atual, mas sim o que todo mundo esqueceu -, o Cacumbi de Mestre Zezinho. Perguntei a Marizão se ela se lembrava do Cacumbi aqui nesta rua e de quem teve a iniciativa de criar o grupo.

Marizão me respondeu, com muita convicção, que o responsável pela criação do primeiro grupo de Cacumbi de Laranjeiras é Seu Zezinho. Marizão completou: “minha mãe, dona Caçula, conhecia ele como Zé Carreiro. Eu assistia o ensaio, eles ensaiavam no galpão que tinha ao lado da casa dele. Era muito bonito e nas festas de Reis quando eles saíam com o Cacumbi, toda rua acompanhava. Os filhos deles, todos, acompanhavam o pai”.

Continua Marizão: “Hoje, toda a cidade conhece o Cacumbi do Mestre Deca como se fosse ele que começou tudo, mas ele só era integrante do grupo como os demais. Daí, quando seu Zezinho morreu de repente, ficou um tempo sem ter o Cacumbi e Seu Deca assumiu. Não sei de certeza em que ano foi, mas foi na década de oitenta”.

Marizão comenta ainda: “antigamente as pessoas brincavam nos grupos folclóricos por amor, hoje só visam se aparecer e ganhar dinheiro. Quem tem título de mestre ganha um dinheiro por mês. Falo assim porque sei. Eu trabalho na [Secretaria de] Educação e se quisermos chamar o Cacumbi de Antônio Carlos e Testinha para

se apresentar na escola que eu trabalho, a escola precisa pagar trezentos reis e ainda tem o lanche...”.

Após o primeiro dia de entrevistas, decidi voltar uma segunda vez para Laranjeiras, em outubro de 2025. Desta vez, a ideia foi conversar com Seu Dadá, um dos antigos componentes do Cacumbi de Mestre Deca e também de Testinha, filho de Seu Macário, um antigo integrante do Cacumbi de Mestre Zezinho.

Para falar de Seu Dadá precisamos retomar a história no Cacumbi que começou na década de 1970 com Seu Zezinho. Seu Macário era um antigo integrante do Cacumbi de seu Zezinho e de seu Deca, brincando o Cacumbi durante muito tempo sobre o comando destes dois mestres. Neste sentido, Seu Dadá tem muita história para contar, então fui à sua procura.

Atualmente ele é policial aposentado, nascido e criado em Laranjeiras, morando atualmente na Rua da Poeira. Ao entrar em sua casa, perguntei a ele se era um ex-brincante do Cacumbi. Após a confirmação, indaguei como começou o Cacumbi de Laranjeiras.

Seu Dadá me explicou que o Cacumbi começou no fundo do quintal da casa de Seu Zezinho, na Rua da Palha, em plena ditadura militar, durante o governo do General Ernesto Geisel (1974 a 1979). Nesta época, o Cacumbi saía da Rua da Palha sempre muito animado, com os instrumentos, como o tambor de couro. A roupa era feita de flanela amarela, muito diferente das roupas de hoje em dia. Os tambores eram de couro de boi. Já quem ditava o tom da caixa era as cordinhas que atravessaram para dar o som. Hoje não tem mais o tambor, mas as caixas que são compradas de nylon.

Perguntei a Seu Dadá se as músicas de hoje eram as mesmas de antigamente, ao que me responde que sim, são as mesmas, tiradas de cabeça. Questionei a ele se o que mudou com o passar do tempo foram os instrumentos e as roupas, ao que ele me confirma e explica: “antigamente as roupas eram de flanela, hoje é feita de praneira [referindo-se ao cetim] amarela e a calça branca, tinha o chapéu vermelho, tinha o chapéu azul e amarelo”.

Perguntei a Seu Dadá quem usava o chapéu vermelho, ao que ele me respondeu: “Era o finado Zezinho. O chefe. O vermelho quem usava era o finado Zezinho”. Sobre as cores dos chapéus dos outros integrantes, Seu Dadá falou: “A gente usava uma fila azul, e outra fila amarela. Hoje em dia modificou. Até as

vestimentas mudaram: agora é um pano brilhoso”. Seu Dadá me informou ainda que os dois netos saem no Cacumbi Mirim de Seu Jorge.

Questiono a Seu Dadá porque há o esquecimento do Mestre Zezinho, ao que ele me responde, muito francamente: “Eu não sei. Não quero prejudicar ninguém, mas estou falando da realidade. Fizeram uma estátua de Seu Deca lá na praça e porque não fizeram de Seu Zezinho que começou tudo aqui, seu Dão, seu Macário, meu pai... não, fizeram só de Deca. Eu dançava no Cacumbi de Testinha, mas saí, porque via muitas coisas lá dentro. Tudo que falei é a realidade”.

Pergunto ainda sobre Zé de Pita, citado pelo Seu Dadá durante a conversa. Seu Dadá me explica que ele era de Riachuelo. “Não é daqui não, mas não era da minha época, da minha época foi de Seu Zezinho pra cá”.

Fazendo uma análise preliminar das conversas sobre o Cacumbi do Mestre Zezinho com moradores da cidade de Laranjeiras, pode ser criadas duas categorias de informantes: os moradores da Rua da Palha, vizinhos de Mestre Zezinho e os ex-brincantes do Cacumbi do Mestre Deca. As entrevistas afirmam assim, a existência do Cacumbi de Mestre Zezinho em plena ditadura militar.

Tudo isso implica em uma operação delicada que exige esforço e humildade: é como se estivéssemos diante de um enigma a ser decifrado (COLI, 2013). As histórias precisam ser contadas para que a sociedade compreenda que, antes de qualquer fato havia alguém que começou e outro que deu continuidade; portanto, a cultura é duradoura. Somente precisamos descobrir o que estava escondido-esquecido e trazer para a sociedade, já que houve muitas histórias antigas que foram esquecidas.

Aqui, vale a pena apresentar quem foi Mestre Zezinho, esta figura presente apenas na memória dos seus vizinhos da Rua da Palha, dos ex-brincantes da década de 1970 e dos seus familiares. Nascido José Rosa dos Santos, Mestre Zezinho nasceu possivelmente em 1924 e, como citado anteriormente, trabalhava como carreiro na Usina Pinheiro, um dos principais polos empregatícios da cidade de Laranjeiras, destinada à produção de açúcar para consumo doméstico. Casou-se com a Sra. Maria José dos Santos, conhecida na cidade de Laranjeiras como Dona Miúda, e teve cinco filhos: três homens e duas mulheres. De acordo com a certidão de óbito do Mestre Zezinho, ele faleceu aos 54 anos, de causa ignorada (Anexo II).

Uma de suas filhas, hoje com 73 anos de idade, relata que Mestre Zezinho morreu na cidade de Laranjeiras a caminho do trabalho no dia 27 de março de 1978. Ainda de acordo com a sua filha, cerca de um ano após a morte do Mestre Zezinho,

chega à casa da família um envelope com duzentos cruzeiros (algo em torno de 870 reais convertido para 2025) recebido pela sua esposa Dona Miúda para ajudar o grupo folclórico Cacumbi. Porém, neste momento o grupo havia suspenso suas atividades devido ao falecimento do seu mestre maior. Apenas na década de 1980, com a liderança do Mestre Deca, é que o grupo retoma as atividades, inclusive com a participação dos filhos do Mestre Zezinho.

Em janeiro de 2026, em pleno Encontro Cultural de Laranjeiras, com diversas apresentações folclóricas acontecendo na cidade, inclusive do Cacumbi e do Cacumbi Mirim, composto por crianças, resolvi retornar à cidade a fim de conversar com ex-brincantes, testemunhas oculares e o filho do Mestre Zezinho, atual residente da casa na Rua da Palha onde saíam os cortejos na década de 1970.

A primeira pessoa entrevistada em 2026 foi o Sr. José dos Santos, filho de Mestre Zezinho conhecido na cidade como Zé Rosa, nome adotado em homenagem ao seu pai. Pergunto ao Sr. Zé Rosa se ele se recorda do Cacumbi conduzido pelo pai, como tudo começou e se há algum registro fotográfico com o Mestre.

O senhor Zé Rosa responde: “Meu pai era o Mestre do Cacumbi e Seu Deca era o contramestre. Daí, quando meu pai morreu, eu esqueci até a data, quem era para ficar no lugar do meu pai era meu irmão Genivaldo, mas ele não quis. Eu não podia ficar porque estava trabalhando. Esta lei que tem aí dos mestres, quem poderia ficar era o meu irmão, mas ele não ficou com o Cacumbi, daí que ficou com o título foi Seu Deca, quem assumiu o Cacumbi”.

Continua o senhor Zé Rosa: “Quando papai morreu, não lembro a data, chegou um dinheiro de Brasília para ajudar meu pai no Cacumbi, mas ele já tinha falecido. Minha mãe ia devolver o dinheiro que era cinco ‘mil-reis’ naquele tempo, como mamãe falou a verdade, fique para senhora”.

De acordo com o relato do filho de Seu Zezinho, ao falar sobre a questão do dinheiro que chegou de Brasília, capital federal, este fato pode se referendar à real existência de um Cacumbi que existia na Rua da Palha. Para Andrade apud Coli (2013, p.89) “a arte não é um elemento vital, mas um elemento da vida”.

Neste sentido, precisamos entender que a arte se faz necessária para toda a sociedade e, portanto, não importa a época, todos os registros precisam ser guardados para a que a arte seja atrelada ao conhecimento de toda a sociedade.

O senhor Zé Rosa relata ainda que “as fotos que tinha, o povo acabou com tudo não tem nenhuma foto, acabaram com tudo, mas tem um rapaz chamado de

Patativa, ele tem muitas fotos de pai e do folclore de Laranjeiras, você pode perguntar a ele". Assim, fui à procura de seu Patativa e para minha surpresa, mora na mesma rua da minha irmã, a rua do Gasta Gás. Fui ao local, mas ele não estava em casa. Assim, deixei recado com a vizinha. Poucos instantes depois ele aparece na casa da minha irmã.

O senhor Edson Messias do Nascimento, conhecido como Seu Patativa, é brincante do Cacumbi de Mestre Zezinho, atualmente é brincante da Chegança e também é Taqueiro⁷ da festa de Lambe-Sujo e Caboclinho.

Pergunto ao Sr. Patativa se ele brincou no Cacumbi de Seu Zezinho, ao que ele me responde afirmativamente. Ele me relata ainda que dançou só por um ano, com o Mestre Deca já participando do grupo, tocando caixa. Após a morte do Mestre Zezinho, Seu Patativa decide sair do grupo.

Repasso ao Sr. Patativa a informação dada pelo Sr. Zé Rosa, referente aos registros fotográficos das apresentações folclóricas de Laranjeiras. Sr. Patativa explica-me que: "Sim. Eu tinha muitas coisas, fotos dos casarões antigos, muitas fotos do Cacumbi, da Chegança. Lembro que tinha uma foto com os participantes antigo do Cacumbi com Seu Dão, Seu Macário, muita gente, tinha foto de Seu Oscar da Chegança".

Continua Sr. Patativa: "Antigamente era muito difícil tirar foto, então eu guardava todas as fotos, mas as pessoas vinham me pediam e não devolviam. Lembro da última pessoa que pediu minhas fotos e não devolveu [...], eu sempre perguntava a ele, que me respondia, vou procurar e nunca mais me devolveu. Até ontem mesmo fui na Casa da Cultura para ver se encontrava algumas fotos antigas minhas, mas o que responderam foi que uma professora pegou e perdeu tudo. As pessoas não se importam com que já morreu", completa, com ar de tristeza⁸.

⁷ Os Taqueiros, na festa de Lambe-Sujo e Caboclinhos, são figuras que usam grandes chicotes ("tacos") para ajudar a manter a organização do cortejo da festa. Hoje em dia, provocar o taqueiro e tentar desviar de sua "tacada" tornou-se um desafio de coragem, principalmente entre os jovens participantes da festa. A representação do combate entre os Lambe-Sujo e Caboclinhos, que ocorre sempre no segundo domingo de outubro, é a segunda festa folclórica mais importante da cidade, perdendo apenas para o Encontro Cultural de Laranjeiras. Fonte: <https://al.se.leg.br/manifestacoes-culturais-de-sergipe-lambe-sujo/>. Acesso em 14/01/2026).

⁸ É interessante pontuar que esse relato é muito frequente com os mestres e mestras de Laranjeiras. Devido ser um grande polo de manifestações culturais, a cidade atrai muitos pesquisadores que acabam pedindo esses registros aos integrantes dos grupos e nunca mais devolvem. Relatos dos próprios integrantes, e que também, após a pesquisa, publicam e nem retornam à cidade para mostrar ao grupo a pesquisa realizada. Muitos destes mestres se dizem cansados de tanta gente querendo entrevistar, mas que não tem esse cuidado do retorno ao grupo.

Assim, como já relatado anteriormente, não há registros da década de 1970 do Cacumbi do Mestre Zezinho. Apenas o Mestre é citado nas referências a partir da entrevista dos pesquisadores à Mestre Deca. Alinhado a isto, com o seu falecimento repentino, os filhos do Mestre não tiveram condições de assumir a liderança do grupo. Depois de alguns anos, Mestre Deca assume a liderança do Cacumbi, dando continuidade e popularização do folguedo. Depois do seu falecimento, seus filhos, Antônio Carlos e José Carlos, seguem o legado do pai. Assim, o Cacumbi do Mestre Zezinho permanece apenas na memória daqueles que viveram aquela época, sem registros históricos ou documentais.

CONCLUSÃO

Para cada cultura é o resultado de uma história particular, e isso inclui também suas relações com outras culturas, as quais também suas relações com outras (Santos, 2017, p. 12).

Começo parafraseando essa citação porque este trabalho procurou averiguar o porquê da ausência do Mestre Zezinho na figura de representante do Cacumbi de Laranjeiras e bem como participante direto da cultura popular de Sergipe. Porém, o que lemos foram algumas escritas desconstruídas, sem qualquer relação com os fatos tanto das minhas vivências quanto dos relatos nas entrevistas. Precisamos ficar atentos à diversidade das culturas existentes, acompanhar sua variação através dos tempos. A nossa cultura não é linear: tem as suas variáveis de acordo com domínio do homem.

No entanto, o que aconteceu com o Mestre Zezinho foi um total apagamento da sua contribuição na cultura popular sergipana. Foi como se um vendaval passasse na década de 1970 e apagasse todo e qualquer registro da sua existência.

Trago o relato de Mestre Deca, em 1985, descrito por Fontes (2014, p. 18), “Por que ninguém olha pro lado da gente? A gente fica aí... só chega pra gente quando é tempo de brincadeira e depois fica prá lá. Não tem nada, entendeu? Eu e todos os chefes merecia nós tem um cachêzinho mensal ou por semana entendeu”. Este comentário do Mestre Deca na década de 80 já mostra o total esquecimento e desvalorização àqueles que contribuíram para a continuação da cultura popular de Laranjeiras.

Na medida que fui pesquisando a importância do Mestre Zezinho na cultura de Laranjeiras fica mais visível a sua ausência. Foi constatado, durante as idas nas bibliotecas virtuais e Epiphânio Doria, que não há registro das contribuições do Mestre Zezinho no Cacumbi de Laranjeiras

Nos livros e pesquisas dedicados ao Cacumbi de Laranjeiras também não há registros do Mestre Zezinho, apenas citado por Mestre Deca nas entrevistas. E em algumas literaturas seu nome é confundido com outros brincantes e até mesmo existem erros na grafia do seu nome.

Com a morte precoce do Mestre Zezinho, seus filhos não continuaram o seu legado na década de 1980, o que também torna notório a ausência do registro. É importante ressaltar que, na década de 1970, em que o Cacumbi de Mestre Zezinho

estava em atividade, não havia políticas públicas para a divulgação e a guarda de acervos das culturas populares. Tudo era muito precário, não havia o trabalho de popularização do folclore. Além disso, até tirar fotos era algo caro e de difícil acesso para aquela população. Vale lembrar que as roupas e os instrumentos eram comprados pelos próprios brincantes, formados, em sua maioria, por pessoas assalariadas, trabalhadores rurais e com baixo nível de escolarização, que passavam as letras das músicas de cabeça, sem um manual escrito ou um roteiro a ser passado para os seus sucessores.

Devido a todos estes acontecimentos a ausência do Mestre Zezinho é notória: a falta de registros na década de 1970 e a ascensão do Mestre Deca na década de 1980 que continuou o legado do seu Mestre Zezinho, fez com que ele se tornasse nas falas da maioria o primeiro mestre do Cacumbi de Laranjeiras. Tal divulgação, por meio inclusive das redes sociais, faz com que a sociedade busca sempre aquele que está posto.

Portanto, esta pesquisa é de suma relevância para o povo laranjeirense, como também para os estudiosos da cultura sergipana, pois esse trabalho irá relembrar e inserir de fato, nos anais da cultura popular sergipana, o nome do Mestre Zezinho, fundador do Cacumbi de Laranjeiras, um mestre que contribuiu e muito para cultura, deixando um importante legado para o trabalho inquestionável do Mestre Deca.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, A. D. F. de. **Danças e Folguedos**: Iniciação ao Folclore Sergipano. Aracaju: Secretaria de Estado da Educação, 2003.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

COLI, J. **O que é arte**. São Paulo: Brasilense, 2013. (Coleção Primeiros Passos, 46)

DANTAS, B.G. **Mensageiros do Lúdico**: Mestres de brincadeiras em Laranjeiras. Aracaju: Criação, 2013.

FONTES JUNIOR, I. S. Cacumbi Mestre Deca: Renovando a Tradição – A relação grupo cultural e gestão pública. **Monografia (Pós-Graduação em Gestão Cultural)**. Aracaju: Universidade Federal da Bahia, 2014.

GIL, A. C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOES, A. A. F. **A Dança de São Gonçalo em São Cristóvão**: A corporeidade no folclore sergipano. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

SANTOS, J. L. dos. **O que é Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2017 (Coleção Primeiros Passos, 110).

SILVA, J. J. dos S. **A Dança do Cacumbi**: Novo olhar sobre as festas afrobrasileiras e as vivências do pós-emancipação em Santa Catarina. 6º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Florianópolis, 2013.

SOUZA, Samira Fagundes de. Rastreios cartográficos e percepções do Cacumbi do Mestre Deca na cidade de Laranjeiras-SE. 2024. 97 f. **Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Culturas Populares)** - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação**. 5 ed. 18 reimpr. São Paulo: Atlas, 2009. 175p

ANEXO I

Encontros Culturais de Laranjeiras

O palco principal do Cacumbi e de diversas manifestações folclóricas da cidade é o Encontro Cultural de Laranjeiras, que ocorre anualmente desde 1975 e atualmente está na sua quinquagésima primeira edição.

Tudo começou na metade da década de 1970, com uma quermesse com o objetivo de arrecadar fundos para ajudar a população pobre da cidade. Ao longo dos anos, o evento evoluiu e hoje se solidificou, tornando-se um dos eventos que celebra, divulga e preserva a cultura do nosso estado, como também de todo Brasil.

Porém vale destacar que todos os registros desta década não foram encontrados na casa da Cultura da cidade. A seguir, de acordo com o relatado anteriormente, estão alguns posteres dos Encontros Culturais anteriores em exposição na Casa da Cultura.





Figura 2. Posteres dos Encontros Culturais de Laranjeiras ao longo dos anos. Na última foto, é feita a citação à coleção feita pela Profa. Luíza, citada anteriormente (Fonte: Pesquisa, 2025)

O LI Encontro Cultural de Laranjeiras foi realizado entre os dias 04 e 11 de janeiro deste ano, com o tema “Culturas Populares e Folkcomunicação: é de ponta de pé, é de calcanhar”, de acordo com foto a seguir, disponível no site da Prefeitura do município.



Figura 3. Poster do LI Encontro Cultural de Laranjeiras, realizado entre os dias 04 e 11 de janeiro de 2026 (Fonte: <https://laranjeiras.se.gov.br/noticia/laranjeiras-divulga-programacao-oficial-do-51-encontro-cultural/303>).

Este quinquagésimo primeiro Encontro Cultural de Laranjeiras foi um dos mais versáteis que já presenciei. Foram praticamente duas semanas de conhecimento da cultura brasileira, pois o Encontro Cultural é um dos eventos mais diversificados que tenho participando e interagido. Este encontro valorizou os saberes populares e as raízes locais, por meio da dança, da música, do teatro, do sarau e dos cortejos folclóricos, com uma grande diversidade de atrações que atinge todo o público.

É um encontro que mistura o sagrado e o profano em todo respeito e esplendor, não há distinção, têm culturas para todos. A programação é bastante vasta, sendo considerado um dos maiores eventos da cultura popular brasileira e reunindo, em torno da comunidade laranjeirense, diversos pesquisadores de todo o Brasil.

Nos últimos anos, o Encontro Cultural de Laranjeiras vem expandido os dias do evento. O Encontro começa no domingo mais próximo ao Dia de Reis, em que acontece a Missa, descrita no trabalho, e a Coroação da Rainha da Taieira, seguida da apresentação do grupo, da Chegança e do Cacumbi. Após, segue-se a semana com o Simpósio discutindo a cultura brasileira e definindo o tema do ano seguinte. Na sexta feira seguinte, é realizada a abertura oficial do evento, com cortejos de todos os grupos folclóricos de Laranjeiras, de outras cidades e também de outros estados quando há apoio e incentivo maior da Prefeitura.

Na sexta-feira, dia 09 de janeiro de 2026, aconteceu a abertura oficial, no palco Dona Lalinha, com o desfile de todos os grupos folclóricos da cidade e também aqueles que já estavam presente na cidade, como o grupo Maracatu da Zona da Mata de Pernambuco, os Bois Garantido e Caprichoso do Amazonas e os Grupos de Reisado de Alagoas.

Durante toda a semana, houve apresentação de dança, teatro e música nos palcos espalhados em toda cidade. Assim, durante a segunda semana de janeiro, a cidade de Laranjeiras viveu a cultura popular em toda sua extensão. A cidade respirava cultura nos palcos espalhados por toda a cidade, nos calçadões, nos casarões antigos: todos os presentes puderam vivenciar nossa a cultura.

Após as apresentações culturais que aconteciam durante todos os dias da semana do Encontro Cultural, nos palcos espalhados pela cidade e pelas ruas, com os cortejos de grupos folclóricos, as noites estavam reservadas para shows de artistas da música popular brasileira, de diversos estilos, fazendo a alegria da população e dos turistas que ali estavam e chegavam.

ANEXO II

Registros Fotográficos do Mestre Zezinho e Certidão de Óbito, enviados por familiares



Restauração feita por Inteligência Artificial (Google Gemini, 2026)



Restauração feita por Inteligência Artificial (Google Gemini, 2026)

República Federativa do Brasil

ESTADO DE Sergipe

MUNICÍPIO Laranjeiras DISTRITO Laranjeiras

CERTIDÃO DE ÓBITO

N.º 187 Fls. 228

CERTIFICO que no livro C n.º 21, de assentos de óbitos, consta o de José Rosa dos Santos

Falecido em 27 de março de 1978 às 22 horas, filho de Francisco Rosa e Maria Julia dos Santos

Idade 54 anos sexo masculino cor preta

estado civil casado

Profissão carreiro

Naturalidade Rosário do Catete - Sergipe

Residência Rua Desembargador Liberio Monteiro nº 323, nesta cidade

Lugar onde faleceu Em via Pública, na Rua Comendador, nesta cidade

Causa da morte ignorada

Médico atestante não teve

Lugar do enterramento Cemitério da Misericórdia, nesta cidade

Foi declarante Maria Genelice dos Santos

Deixou filhos, cinco (5) filhos

Deixa bens? uma casa Deixa testamento? não

Observações:

MARIA DO CARMO LEITE MONTI
 Oficial do Registro Civil
 LARANJEIRAS - SERGIP.

O referido é verdade e dou fé.

Laranjeiras 27 de março de 1978

O OFICIAL

Maria do Carmo Leite Monti

CASA AVILA LIDA, - cgc 13.003.991/0001-08 - Ref. 549